

CHICO BUARQUE



COMPANHIA DAS LETRAS

PRÊMIO CAMÕES



BAMBINO A ROMA

1.

Agarrado à bola de futebol, olhei para trás ao sair de casa na Rua Haddock Lobo 1625, São Paulo, assim que partiu o caminhão de mudança. Vendo a casa tão vazia, com manchas de mobília no chão e de quadros na parede, entendi que a ausência seria longa, talvez para sempre. Zarpamos do Rio, e no convés do Giulio Cesare passageiros se abraçavam e brindavam vendo a cidade se afastar na baía de Guanabara. Eu não olhava a baía, mas sim a espuma que o transatlântico fazia no mar, como que desarranjando o caminho de volta. Durante duas semanas num oceano sem fim, havia muita festa a bordo e jogos no tombadilho, mas se me perguntarem do que mais me lembro, direi francamente que só me lembro de um mar de vômito. Vomitei no mar, no tombadilho, na piscina, no camarote de segunda classe, vomitei amarelo na toalha do restaurante, vomitei no sapato do garçom, eu vomitava os remédios e vomitava em cima do meu vômito com nojo de mim. Vomitei do Rio a Gênova com escalas nauseantes em portos que mal vi, na certeza de que aquele gosto nunca mais ia sair da minha boca. Devia ser ansiedade, pois quando me mostraram

ao longe o porto de Gênova, meio que adormeci em pé. Sonâmbulo, não me lembro do cais, do trem, das luzes de Roma, era como se o navio tivesse atracado feito um táxi na porta de casa, Via San Marino 12.

Ao rés do chão de um prédio amarelo de quatro andares, o apartamento 2 era antiquado, sombrio, e estava gelado porque tinham se esquecido de ligar a calefação. Minha mãe explicou que o país saíra empobrecido da guerra, terminada poucos anos antes. Ela relutava em matricular os filhos nas escolas italianas, onde havia muita greve e o ensino era atrasado em relação ao nosso. Não era por isso que meu pai vinha dar aulas na Itália, mas na verdade nunca me explicaram direito o motivo da nossa viagem. Estava tudo confuso na minha cabeça, endereços se misturavam nos meus sonhos, e mesmo acordado permaneci num ambiente de sonho por um bom tempo. Estranhos entravam e saíam de casa carregando malas, arrastando baús, consertando torneiras, trocando lâmpadas e resmungando palavras que me soavam a xingamentos. Todos os cômodos eram revestidos com papel de parede, o telefone era de parede, móveis e quadros não eram os nossos, havia famílias de desconhecidos nos porta-retratos, minha cama parecia a de um velho, de madeira pesada, escura, e cabeceira alta quase até o teto. Porque no estrangeiro é tudo estranho, assim falou uma das crianças, e o dito lá em casa virou mote.

Eu não estranhava a língua nova ou a cidade antiga, para tudo isso já estava ensinado. Estranho, estranho mesmo era alguma coisa que eu não via, uma coisa que faltava em toda parte, e de noite eu perdia o sono matutando nisso; era dessas adivinhas difíceis de decifrar e que quando decifra a gente exclama: é claro! Era estranho ver no bonde tantos homens de muletas? Sim, mas não era a isso que eu me referia. Era estranho ver na feira tantas mulheres de luto fechado? Sim, mas não era disso que se tratava. Era um pouco estranho não ter feijão com arroz, mas logo tomei gosto pelas massas que a cozinheira servia todo dia no almoço.

Essas cozinheiras não paravam no emprego, elas se sucediam rapidamente e vinham todas da Sardenha. Eu gostava delas, mas sempre gostava mais da que fora despedida ou pedira as contas. E assim que eu me habituava ao macarrão da cozinheira de turno, ela era trocada por outra, mal me dando tempo de decorar seus nomes. Eu sentia falta da anterior, e da anterior à anterior, e daquela, e da segunda, e da primeira, e da anterior à primeira, a que ficara no Brasil. Igual àquela não havia outra, era ela que estava no começo de tudo, não me lembro de mim antes dela. Acho que se chamava Aparecida e preparava o melhor feijão-preto de São Paulo; era uma preta muito preta e bonita, e além de cozinhar lavava as roupas, pendurava e passava as roupas, e também

lavava as louças e varria os quartos e arrumava as camas e regava as plantas e esfregava os chãos. Às vezes, quando eu pressentia que ela ia entrar no meu quarto, mais que depressa me despia e ficava por ali como um sonso. Era uma compulsão irresistível, era um prazer por dentro que eu sentia em saber que por um instante ela me via nu. Isso nunca aconteceu com as arrumadeiras italianas, nunca me mostrei pelado para elas, talvez porque fossem meio gordinhas, com buço. Andando pela cidade, sim, vi muita mulher bonita, só que nenhuma a ponto de me dar aquela nervosia de querer tirar a roupa. Com exceção da professora de italiano do meu pai, mas disso prefiro não falar aqui. O que me pegava na Aparecida não era exatamente a beleza, mas um não sei quê, era quem sabe um jeito de corpo quando ela andava no corredor. Aliás, não sei como demorei tanto a me dar conta de que não havia gente preta na Itália. Nada podia ser tão estranho quanto isso.

2.

Foi na escola americana, em Roma, que mister Welsh passou a mão na minha bunda. Ou melhor, em bom inglês, mister Welsh usava passar a mão na minha bunda, no tempo em que eu ainda vacilava no emprego do passado contínuo. Eu tinha uns nove anos e estranhava um pouco aquele cacoete do professor, mas em todo caso não me opunha a que ele me passasse a mão a gosto. Não foi logo de primeira, mas na segunda ou terceira vez que me debrucei à sua mesa ele inventou de me bolinar por dentro da calça com a mão esquerda, enquanto com a direita corrigia a lápis minha redação. Apesar das minhas pequenas faltas gramaticais, ele apreciava bastante os meus textos, que nada deviam aos dos meus colegas anglófonos de nascimento. Eu era o único latino da classe, onde predominavam alunos americanos com um ou outro inglês, sendo irlandês o próprio mister Welsh. Em algum momento, porém, começou a me incomodar aquela mão suada descendo mais e mais pelo meu rego. Aquela umidade de repente me pareceu pecaminosa, tanto quanto seu modo dissimulado de agir por trás da mesa, fora da vista dos alunos que faziam o dever

em suas carteiras. Um dia decidi deixar de procurá-lo, acreditando que a qualquer momento ele me chamaria de volta. Mas não, mister Welsh agora passava os ditados sem me olhar na cara, às vezes pulava meu nome nas chamadas de presença e atendia demoradamente outros alunos à sua mesa.

Por essa época dei de matar as aulas de inglês para brincar nos jardins da escola, onde construía casas de bambu com meu amigo Kazuki. Também estendia meu tempo de recreio a fim de jogar beisebol, já que para o futebol faltava quórum. Sem contar que havia vida além dos muros da escola, havia as fontanas da cidade, havia vespas e lambretas, havia o cine Rex, havia Alida Valli, havia Carlo, havia Hi-Lili, Hi-Lo, havia Sandrene, havia a carranca de Pio XII, havia a signorina Grazia, havia Graziella. Mil camadas de lembranças da infância foram se sobrepondo na minha mente, e só setenta anos mais tarde, por algum trabalho de escavação errática, me emergiu da poeira a figura satisfeita de mister Welsh com suas bochechas vermelhas. Essa minha história com ele eu não cogitava contar a ninguém, tinha pudor. Eu tinha medo de pegar fama de bicha, mas agora já me disponho a incluir o caso num eventual livro de memórias. Com passagens assim picantes, é possível que o livro seja publicado com sucesso, quem sabe até traduzido para o inglês. Só acho uma lástima que, a essa altura, mister Welsh com

certeza já terá morrido, perdendo a chance de ler seu nome no livro de um autor brasileiro em cuja bunda lisa de menino ele gostava de passar a mão. Mas talvez ele tenha deixado filhos, netos, bisnetos, uma prole respeitável que minha editora inglesa será capaz de localizar, para enviar uns exemplares como cortesia. Também pode ser que o livro interesse a algum leitor octogenário como eu, outro ex-aluno que haverá de se lembrar de um professor irlandês da Notre Dame International School em Roma. Um filho de diplomata americano ou de executivo inglês que porventura também se lembre de ter empinado a bunda para mister Welsh passar a mão.

3.

Não sei se eram os casacões de lã que sobravam em nós, ou as calças de golfe que estavam fora de moda. Antes da viagem, minha mãe tratara de comprar nossas roupas de inverno, que estariam mais em conta no Brasil. Deve ter sido em alguma liquidação, ou numa loja onde dessem desconto para três números diferentes do mesmo modelo. Mas aqui, quando eu saía com meus dois irmãos mais velhos, outros meninos nos apontavam na rua, quando não nos seguiam falando coisas e dando risada. Não era da língua estrangeira que debochavam, porque nós três mal abríamos a boca, irmãos nunca têm o que se falar. Podia ser o corte de cabelo, ou as botinas de camurça, ou o jeito de caminhar, não importa, o certo era que no estrangeiro os estranhos éramos nós. Então comecei a sair sozinho, notando que muitos meninos mais estranhos do que eu passeavam despercebidos por aí, desde que não acompanhados de uma família estranha. E o que me restava de estranheza logo se diluiria se eu me misturasse com outros meninos da terra.

Coppi, eu já não podia ignorar quem era Fausto Coppi, o maior ciclista de todos os tempos. Porque

no começo pensei que *coppi* fosse tampinha de garrafa em italiano. À beira do laguinho, no caminho de seixos da Villa Paganini, os garotos tinham sulcado uma pista sinuosa de terra que simulava um trecho do Giro d'Italia, a volta da Itália em bicicleta. Mediante um peteleco, cada um fazia rodar em pé sua tampinha, à qual dava o nome de um ciclista famoso. O primeiro da fila, logicamente, escolheu Coppi, e era mesmo um campeão. Fez sua tampinha de Coca-Cola disparar na reta inicial, descrever duas curvas à direita e à esquerda, subir uma lombada, descer uma rampa e cair deitada a apenas quatro palmos da linha de chegada. Tinha praticamente garantido a vitória daquela etapa, pois os competidores seguintes, com tampinhas de soda ou gasosa e nomes de ciclistas franceses ou belgas, atingiram no máximo a segunda curva. Eu era o último da fila e tinha acabado de catar no chão uma tampinha de cerveja Peroni com a borda toda retorcida, como que aberta com os dentes; sem conhecer ciclista algum, me deu na telha batizar minha tampinha de Caramuru. Minha perícia no futebol de botão de pouco me valeria, mas na hora H me surpreendi com a potência do meu peteleco. Por causa da sua deformidade, Caramuru parecia um ciclista bêbado, porém mesmo cambaleante superou a reta, as curvas, a lombada, a rampa e só caiu porque Coppi estava atravancando seu caminho. Tropeçou, oscilou e por fim se deitou em

cima do Coppi, cujo dono demonstrou pouco fair play. Pegou minha tampinha, atirou no meio do lago e bradou: *Caramuro non esiste!*

Como italianos não frequentavam minha escola, era fora dela que eu me adaptava ao país. E não era difícil fazer sucesso com garotos da minha idade sendo o proprietário de uma bola de couro da marca Drible número 5, presente de Natal da minha madrinha no Brasil. Após alguns mal-entendidos, consegui convencer a turma da Villa Paganini de que a bola me fora presenteada por Ghiggia, ele mesmo, o craque uruguaio que acabava de ser contratado pela Roma. Sim, a bola pertencera ao meu padrinho Ghiggia, que com ela fez o gol da vitória do Uruguai contra o Brasil na final da última Copa do Mundo no Maracanã. No pequeno gramado do parque ensinei-os a marcar as traves com os casacos e teve início uma pelada de quatro contra quatro. Os italianos eram meio grossos e aquele da tampinha Coppi por pouco não isolou a bola no laguinho. E quando ele me acertou uma canelada mais violenta, ouvi um apito e sonhei que era um juiz marcando a falta. De repente vi o gramado deserto e um guarda apitava com fúria na minha direção. Eu, que de polícia sempre tive uma paúra instintiva, só não fugi porque não deixaria minha bola à mercê daquele meganha. Busquei-a ao lado do meu casaco, agarrei-a com força, e já me afastava quando ele apitou

de novo e me indicou uma placa em que proibiam pisar na grama, o que eu não podia adivinhar. Ele deve ter sentido sinceridade na minha mímica, pois eu realmente não sabia ler aquelas palavras. E me liberou sem confiscar a bola do Ghiggia, ele mesmo, o Ghiggia, porque não suportava mais meus choramingos em português.

4.

STALIN È MORTO. Na banca de jornal do Corso Trieste reconheci um cheiro de Brasil. Não sei se provinha do papel-jornal, ou quem sabe da tinta de impressão que então se usava, mas depois de adulto nunca mais senti cheiro igual. Desde moleque no Rio ou em São Paulo, eu remanchava nas bancas de jornal a me viciar naquele cheiro, enquanto espiava gibis e álbuns de figurinhas. Já na Itália, os jornais expostos viraram meu método de alfabetização, pois nunca tive aulas de italiano. O italiano que eu falava era de ouvido, por palavras captadas na rua ou em canções no rádio da cozinheira.

Como eu dizia, a morte de Stálin ocupava todas as manchetes de jornais e revistas naquele março de 1953. Para o bem e principalmente para o mal, por quase um mês só se falou de Stálin, só se viam fotos de Stálin. Depois surgiram os nomes de Molotov, Malenkov e enfim Kruschev, que na rádio se pronunciava Kruschóf. Eram assuntos que me aborreciam, eram caras borradas que me intimidavam, por isso de repente foi um alívio ver a foto da moça com as pernas de fora, estampada na primeira página: mistério na praia. No instituto médico legal,

o pai e o noivo haviam reconhecido o corpo de Wilma Montesi, nome caseiro, quase familiar, que substituiria no noticiário os cabeludos sobrenomes russos. Agora, nas conversas captadas na rua, no rádio da empregada e mesmo na mesa de jantar lá em casa, era de Wilma Montesi que se tratava. Até meu pai, que tinha mais o que fazer, na hora do jantar perguntava por novidades do caso Montesi. Então eu me antecipava e discorria sobre as diversas hipóteses levantadas para a morte da moça. Eu dava as notícias em português, como é óbvio, mas a fim de lhes emprestar certa cor local, forçava um sotaque italiano que já conhecia por alguns comerciantes de São Paulo. As palavras e expressões idiomáticas que eu não compreendia, trocava por outras sem cerimônia, mas grosso modo era fiel ao texto original. Um dia, arregalando os olhos, informei que a Montesi morrera afogada num pedilúvio, sem saber que essa palavra significava um mero banho de pés. O pessoal lá em casa não me levava a sério, porém com o tempo fui aprender que o tradutor é o tipo de um profissional fodido e mal pago. Nem vou me ater à língua italiana, em que seu ofício se presta a trocadilho batido, mas quantas vezes não se crucifica o tradutor por traduzir literalmente uma história mal contada. Pois então, de volta ao jornaleiro, ele me confirmou que a jovem, sim, fora curar com um pedilúvio uma inflamação no calcanhar, e ainda por cima estava

no fim do período menstrual, coisa que minha mãe não quis me explicar o que era. Mênstruo, eczema, pedilúvio, tudo somado, resultou que a Montesi passou mal e caiu no mar tempestuoso sem saber nadar. No entanto, os jornais de oposição se mostravam céticos com tal parecer, insistiam na possibilidade de um suicídio ou de incidente mais grave. Insinuava-se que a polícia fazia corpo mole nas investigações, suspeitava-se que havia por baixo dos panos um crime envolvendo gente poderosa. Quando os boatos se aproximavam do primeiro escalão do governo, as autoridades arquivaram o caso, concluindo que a morte de Wilma Montesi fora acidental. Na opinião do jornalista, porém, até o fim do verão o assunto voltaria às manchetes.

Bambino a Roma

Via San Marino, 12: no rés do chão de um pequeno prédio amarelo, um menino traça caminhos no mapa-múndi que cobre a parede do seu quarto. As náuseas que sentiu durante a viagem de barco entre o Brasil e Itália ficaram para trás, e o desejo de traçar novas rotas cartográficas é deslocado para as ruas de uma cidade inteira por descobrir.

Pela mão de Chico Buarque, somos levados num périplo por uma Roma que já não existe e talvez não tenha existido, a cidade que o recebeu quando, aos seus nove anos, a família se mudou para lá. Vivemos com o autor a aventura de todas as reminiscências do fim da infância: as partidas de futebol com Amadeo, o filho do merceiro; as saudades do feijão com arroz; as escapadelas da escola; as primeiras erupções do desejo; a paixão juvenil por Sandy L., alimentada por cartas e bilhetes românticos.

Montado na sua bicicleta niquelada, Chico Buarque ziguezagueia pelas ruas da Cidade Eterna num equilíbrio delicado e irresistível entre memória e imaginação, compondo uma narrativa sedutora e comovente, que abre as portas ao passado e a todos os mundos possíveis.

Bambino a Roma é uma deliciosa aguarela de lugares, recordações e sonhos.



PRÉMIO CAMÕES 2019

«Não sei se eram os casacões de lã que sobravam em nós, ou as calças de golfe que estavam fora de moda. Antes da viagem, minha mãe tratara de comprar nossas roupas de inverno, que estariam mais em conta no Brasil. Deve ter sido em alguma liquidação, ou numa loja onde dessem desconto para três números diferentes do mesmo modelo. Mas aqui, quando eu saía com meus dois irmãos mais velhos, outros meninos nos apontavam na rua [...]. Não era da língua estrangeira que debochavam, porque nós três mal abríamos a boca, irmãos nunca têm o que se falar. Podia ser o corte de cabelo, ou as botinas de camurça, ou o jeito de caminhar, não importa, o certo era que no estrangeiro os estranhos éramos nós.»

«A imaginação literária de Chico Buarque é bela e peculiar.
Ler a sua ficção é sempre um prazer.»

Salman Rushdie



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f [companhiadasletrasportugal](https://www.facebook.com/companhiadasletrasportugal)

ig [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789895832477



9 789895 832477 >